Nº 261

IGREJA E APOSTOLADO POSITIVISTA DO BRASIL

O AMOR POR PRINCÍPIO, E A ORDEM POR BASE:
O PROGRESSO POR FIM

Viver para outrem. *Viver às claras.*

AINDA O MILITARISMO

E

A política moderna

A PROPÓSITO DAS RECENTES GLORIFICAÇÕES OFICIAIS DA GUERRA DO PARAGUAI.

À vista da reprodução das festas oficiais comemorativas da guerra do Paraguai, julgamos do nosso dever apelar, mais uma vez, para o altruísmo e a razão das classes dominantes, especialmente do Governo, lembrando-lhes quanto são condenáveis essas manifestações fratricidas.

A guerra do Paraguai constitui o mais monstruoso atentado contra a Família, a Pátria, e a Humanidade, perpetrado na América do Sul depois que as colônias ibéricas do continente colombiano tornaram-se nações independentes. É preciso remontar à horrenda destruição das ingênuas ordens fetíchicas que povoavam para o continente, e à execranda escravidão da martirizada raça africana, para encontrar crimes que se lhe comparem e excedam em crueldade.

No esboço biográfico de Benjamin Constant demonstramos, *citando exclusivamente os documentos oficiais do Império brasileiro*, que a responsabilidade desse atentado cabe: primeiro, ao governo brasileiro; depois, ao governo argentino; e, por último, aos governos paraguaio e oriental. Ao mesmo tempo fizemos ver que tais governos foram simultaneamente vítimas e algozes, porque só a fatal dissolução do sacerdócio católico, desde o XIV século, tornou possível semelhante catástrofe.

A história escreve-se com os documentos que o passado vai deixando, e não há declamações nem festas que consigam fazer emudecer essas testemunhas incorruptíveis. Lavrados frequentemente como outros tantos padrões de glória, esses documentos transformam-se no atestado irrecusável da criminalidade dos que se proclamam heróis, ou são endeusados pelos seus contemporâneos ou sucessores imediatos.

Os povos que assim deixaram arrastar-se por um patriotismo nefando e cego, e mesmo as nações que consentiram que se consumasse tamanha desgraça, estão sofrendo, e sofrerão por longo tempo as suas terríveis consequências.

Qual seria hoje a situação do Paraguai, se o não tivessem aniquilado o furor sacrílego das suas irmãs e o orgulho desvairado do seu chefe?

E, com mais uma nação florescente, em vez de um povo heroico que se debate – em meio dos egoístas e cegos manejos diplomáticos das suas irmãs – para sair das ruínas em que elas mesmas o lançaram, qual seria agora a situação da América do Sul?

Sem essa luta, o militarismo não teria tomado o desenvolvimento que adquiriu no Brasil, na Argentina, e nas demais nações ibero-americanas. Esse militarismo não estaria atualmente perturbando o espírito republicano nas mesmas nações. Sem essa luta, não teriam crescido as animosidades coloniais, ao ponto em que as vemos. Sem ela, enfim, a independência política do Paraguai não ofereceria um pretexto ou um motivo para as suspeitas mútuas das tendências imperialistas do Brasil e da Argentina.

Compare-se a atual situação das relações entre as nações sul-americanas com a situação que teria resultado de uma política de sincera fraternidade.

Em lugar, portanto, de procurar a glorificação, cada vez mais impossível, de um episódio que só deve inspirar remorsos aos povos que nele tiveram a desgraça de figurar, urge reparar lealmente tantas e tamanhas atrocidades. O Brasil, a Argentina, e o Uruguai, que se ligaram para aniquilar, com sacrílego furor, o Paraguai, devem unir-se agora para ajudar a reerguer-se a nobre irmã, que eles mesmos vitimaram.

Nesse intuito, cumpre ao Brasil e à Argentina seguirem o exemplo do Uruguai, restituindo ao Paraguai os cruentos troféus da luta fratricida, e cancelando a dívida que tiranicamente impuseram à irmã cruelmente martirizada.

Semelhante conduta não é, como muitos pensam, um ato facultativo de generosidade por parte dos vencedores. Não. Isso é um dever imprescindível de honestidade e de honra, porque, perante a moral e a razão, tal dívida é nula, como são nulos os tratados que, depois da guerra fratricida, resolveram iniquamente as questões de limites que o Brasil e a Argentina tinham com o Paraguai.

O direito de conquista desapareceu do Ocidente, graças à supremacia da moral católica. E, através da revolução moderna, as grandes almas, herdeiras reais do sacerdócio medievo, não têm cessado de desenvolver essa moral, tornada cada vez mais pura e mais insofismável, mediante a substituição das ficções teológicas pelo sentimento e a noção da Humanidade, dominando as Pátrias e as Famílias.

A força bruta pode impor ainda, infelizmente, as suas perversidades em um momento; mas a Posteridade não tardará a votar a uma maldição eterna os triunfadores

de hoje, que tentam suplantar com a força bruta o altruísmo e a razão. As multidões proletárias crescem a toda hora em torno dos grandes ideais da fraternidade universal.

Não está, portanto, longe o dia em que os filhos dos que se glorificam em festas de sangue, lágrimas e ódio, implorem aos filhos das vítimas o perdão para a memória dos seus pais obcecados pelo egoísmo e a metafísica. Poupemos aos vindouros essa dor tremenda, reparando desde já, filialmente, os erros e as faltas de nossos pais.

Para completar essas reflexões, reproduziremos as considerações que publicamos, em dezembro de 1906, a propósito de mais um monumento comemorativo da Batalha de Riachuelo. (Vide o folheto nº 241, sob o título: *a República e o militarismo*)

Pela Igreja e Apostolado Positivista do Brasil,

R. TEIXEIRA MENDES,
Vice-Diretor

Em nossa sede, Templo da Humanidade, rua Benjamin Constant, nº 30.
Rio, 27 de S. Paulo de 120 (15 de junho de 1908).

(Publicado na seção ineditorial do *Jornal do Commercio* de 16 de junho de 1908)